

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM SEAN CONNERY
11 de janeiro de 2021

THE HILL / 1965 (*A Colina Maldita*)

um filme de Sidney Lumet

Realização: Sidney Lumet / **Argumento:** Ray Rigby, segundo a peça de Ray Rigby e R.S. Allen / **Fotografia:** Oswald Morris / **Direcção Artística:** Herbert Smith / **Montagem:** Thelma Connell / **Intérpretes:** Sean Connery (Joe Roberts), Harry Andrews (R.S.M. Wilson), Ian Hendry (Harris), Alfred Lynch (George Stevens), Ossie Davis (Jacko King), Roy Kinnear (Monty Bartlett), Jack Watson (Jock McGrath), Ian Bannen (Sarg. Williams), Michael Redgrave (o oficial médico), Norman Bird (comandante), Neil McCarthy (Burton), Howard Goorney (Walters), Tony Caunter (Martin), etc.

Produção: Kenneth Hyman / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em sueco e eletronicamente em português, 122 minutos/ **Estreia Mundial:** 3 de Outubro de 1965/ **Estreia em Portugal:** cinema Satélite, em 15 de Junho de 1979.

The Hill ocupa um lugar especial nas carreiras dos principais nomes ligados ao filme: o realizador Sidney Lumet e o actor Sean Connery.

Na carreira de Connery, **The Hill** surge exactamente entre dois mega-sucessos da sua série James Bond: **Goldfinger** e **Thunderball**. É também a altura em que o actor começa a equacionar seriamente o papel que a personagem do agente secreto começa a ter na sua carreira, e começando a dominá-lo. Connery procurava uma forma de fugir a essa influência e, com esse objectivo, já fizera dois filmes, **Woman of Straw/A Mulher de Palha**, de Basil Dearden, e **Marnie**, de Alfred Hitchcock. A carreira de ambos nas bilheteiras ficou aquém do que se esperava e a publicidade insistia sempre na imagem do 007. Quando o projecto de interpretar **The Amorous Adventures of Moll Flanders**, ao lado da (então) sua mulher Diane Cilento falhou (o filme seria feito mais tarde, mas com Kim Novak e Richard Johnson), Connery aceitou fazer **The Hill**, que antes tivera de recusar devido a outros compromissos. Para além do que o papel representava como desafio e demonstração de que não era apenas o "agente secreto", contava o facto do filme ser dirigido por Sidney Lumet.

Lumet, um dos membros da "geração TV", de que fizeram parte, entre outros, Arthur Penn, John Frankheimer e Robert Mulligan, destacara-se especialmente na direcção de actores com o seu notável trabalho de **12 Angry Men**. Com **The Hill**, Lumet fazia o seu primeiro filme fora dos Estados Unidos (a rodagem teve lugar numa região desértica perto de Almeria, Espanha, chamada Gabo de Gata), situação que se tornaria frequente a seguir. Connery ficou tão satisfeito com o seu trabalho com Lumet (**The Hill** é, ao lado de **The Man Who Would Be King** e **The Untouchables**, o filme

favorito do actor) que voltaria a trabalhar com ele por mais quatro vezes (**The Anderson Tapes**, **The Offence**, com uma das mais poderosas criações de Connery, de novo ao lado de Ian Bannen, seu comparsa de **The Hill**, **Murder on the Orient Express** e **Family Business**).

O ponto de partida de **The Hill** é o romance de Ray Rigby (com argumento do autor) inspirado em experiências pessoais numa prisão militar britânica. A uma prisão militar localizada no Norte de África, durante a segunda guerra mundial chega um novo grupo de prisioneiros. A prisão é dirigida com mão de ferro pelo R.S.M. Wilson (Harry Andrews numa composição de grande força) que se gaba de fazer vergar e “domesticar” todos os condenados que lhe passam pelas mãos, transformando-os em modelares “soldados de Sua Majestade”. Como braço direito Wilson tem o sargento Harris (Ian Hendry), um militar frustrado que aproveita a situação em que se encontra para dar rédea solta aos seus instintos sádicos sobre os presos. A frustração de Harris é sublinhada numa cena em que tenta fazer um dos exercícios forçados impostos aos condenados, abandonando-o após a primeira subida: subir e descer consecutivamente uma colina de areia construída unicamente para esse fim. Entre os novos condenados encontra-se um outro sargento, Joe Roberts (Sean Connery) punido por agressão a um oficial ao recusar-se a conduzir os soldados numa missão suicida. Roberts é tomado em especial consideração por Wilson que faz dele o seu principal alvo a abater, impondo-lhe castigos suplementares. Todo o filme vai acompanhar o duelo entre as duas personagens cada uma delas representando um olhar particular sobre a instituição militar: o da obediência cega aos regulamentos, que faz dos militares verdadeiros autómatos, representada por Wilson, e outra mais humana, onde alguns princípios morais se sobrepõem. É a partir do momento em que um dos companheiros de Roberts, o soldado Stevens (Alfred Lynch), preso por deserção para ir visitar a mulher, morre na sequência das brutais punições a que é sujeito, que o confronto se vai agudizar, procurando Roberts, com a sua atitude, chamar a atenção do comandante (Norman Bird), que apenas tem a chefia nominal da prisão, para forçar um inquérito para o qual acaba por ter o apoio do relutante médico (Michael Redgrave) e de um sargento mais humano, Williams (Ian Bannen, que será o adversário de Connery em **The Offence**).

É evidente que um tema destes e o próprio clima do filme, não seriam os mais favoráveis a uma grande recepção por parte do público, mais interessado, então, em apreciar o cínico sedutor da série James Bond, do que em julgar das suas qualidades de actor. A luta de Sean Connery para se libertar da sombra de 007 iria durar ainda algum tempo, e **The Hill** é o primeiro grande passo nesse sentido. Quanto aos cinéfilos portugueses, esses tiveram de esperar ainda uma dúzia de anos para terem acesso ao filme. O seu olhar anti-militarista não se enquadrava num país que enfrentava então três frentes de batalha nas colónias. Só alguns anos após o 25 de Abril, que aboliu a censura, o filme de Sidney Lumet teve a sua estreia em Portugal.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico